



# FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO CURSO DE PEDAGOGIA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): UMA REFLEXÃO HERMENÊUTICA SOBRE A DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

## INITIAL TEACHER TRAINING DURING GRADUATION IN DISTANCE EDUCATION MODALITY: AN HERMENEUTIC REFLECTION ON THE PERSPECTIVE OF AN ESTHETIC EDUCATION

Antonio Carlos Banzato<sup>1</sup>  
*banzato2006@gmail.com*

Margaréte May Berkenbrock-Rosito<sup>2</sup>  
*margaretemay@uol.com.br*

### RESUMO

Este trabalho é um recorte da Dissertação apresentada em 2011, no Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Cidade de São Paulo. Apresenta-se, como objeto de estudo, a Educação Estética na formação inicial de professores, no Projeto Político Pedagógico (PPP), do Curso de Pedagogia, na modalidade de Educação a Distância, da Universidade de Santo Amaro – UNISA, localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo. Aproxima-se das obras de Adorno, Freire e Schiller, para compreender a importância da estética, nos processos formativos de desenvolvimento da autonomia e da emancipação dos sujeitos. A análise documental foi utilizada como procedimento de coleta de dados, que foram interpretados, sob o enfoque da hermenêutica, na perspectiva de Gadamer. A reflexão sobre a introdução da estética na formação de professores aponta a possibilidade de libertação do professor bancário, no curso de Pedagogia, na modalidade de Educação a Distância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação a distância • Educação estética • Formação de professores.

### ABSTRACT

The purpose of this work is to present Aesthetic Education in initial teacher training. The issue investigated is the meaning of Aesthetics in the Political Pedagogical Project (PPP) – Distance Education modality - of the School of Education of University of Santo Amaro – UNISA, located in the south area of São Paulo. The aim of this study is to understand how important Aesthetics is in the process of developing autonomy and emancipation of individuals in the School of Education – Distance Education modality. The hypothesis is that the development of autonomy and emancipation that enhances the agency of the individuals in society occurs by aesthetic means. It is used Adorno's theoretical framework focusing on understanding the aesthetic parameters in the cultural industry and mass culture. It is also used Freire's theoretical framework, regarding Banking Education, in order to overcome it through aesthetic curiosity and epistemological curiosity as a way of awareness provided by aesthetic education. The procedure to collect data was document analyses which were interpreted according to Gadamer's perspective of Hermeneutics. The outcome of this study is a reflection on the introduction of

1 Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo. Coordenador e Professor do Curso de Pedagogia, na modalidade Educação a Distância, na UNISA.

2 Doutorado em Educação/UNICAMP. Pós-doutorado em História da Educação/Universidade de Lisboa. Professora e Pesquisadora do Programa de Mestrado em Educação. Professora no Curso de Pedagogia, atuando nas disciplinas Psicologia da Educação e História da Educação, na Universidade Cidade de São Paulo.

Aesthetics in teacher education as a possibility to release the Banking teacher of the Pedagogy course, considering Distance Education, as well as art as a way to pursuit awareness in the individual relationship with oneself and with the world.

**KEY WORDS:** Distance education • Aesthetics. Teacher training • Political pedagogical project.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho elege-se, como objeto de estudo, o sentido da Educação Estética no Projeto Político Pedagógico, no Curso de Pedagogia, na modalidade de Educação a Distância, na UNISA. Convém salientar que o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia, na modalidade EaD, não é o mesmo que vigora no curso presencial, embora seja inspirado no projeto deste curso. As razões, entre outras, que justificam a escolha do estudo, dizem respeito ao fato de que a formação inicial, no Curso de Pedagogia, na modalidade de Educação a Distância, é ainda muito recente, na legislação educacional brasileira e nas políticas de formação de professores.

O estudo teve como eixo norteador as possibilidades e limites do desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos, na formação inicial de professores, no contexto do Curso de Pedagogia, na modalidade Educação a Distância. A hipótese é a de que a autonomia e a emancipação dos sujeitos ocorrem via estética.

Portanto, utiliza-se a análise documental, fundamentada no enfoque hermenêutico, na perspectiva de (GADAMER, 2000). Nessa perspectiva, os dados são analisados por intermédio da compreensão filosófica, uma reflexão crítica é instaurada, em um determinado momento histórico. A compreensão ocorre, em um contexto, fazendo com que a interpretação seja um conhecimento adquirido, por meio da linguagem, analisando o dito e o não dito.

A linguagem é, essencialmente, uma experiência simbólica. As manifestações simbólicas de uma cultura são os fenômenos nos quais o homem

busca, eternamente, o sentido da experiência de vida, das coisas, do si mesmo, dos outros, ascendendo à consciência reflexiva. Partindo-se desse processo, pode-se aproximar da compreensão da realidade. Encontra-se, nesse princípio vital, o desenvolvimento da linguagem, imprescindível para ser sujeito.

Há uma investigação dos sentidos e dos significados contidos no texto do Projeto Político Pedagógico. Tal processo envolve o pesquisador, faz com que haja a superação dos preconceitos, conduzindo-o à compreensão do Projeto Político Pedagógico, possibilitando-lhe o alcance de novos horizontes. Por isso, seguiram-se as pistas do sentido da Educação Estética presente no Projeto Político Pedagógico, visando à autonomia e à emancipação dos sujeitos, em contraposição a uma Educação Bancária.

## EAD NO CURSO DE PEDAGOGIA: UM DESAFIO DO ESPAÇO ONLINE NA CONTEMPORANEIDADE

Trata-se de uma reflexão sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, levando em consideração que a existência da modalidade EaD é uma decorrência natural das características da contemporaneidade, um período caracterizado pela prevalência da tecnologia. Esta é decorrente de fenômenos da globalização que eclodiram na década de 90 e que, entre outros fatores, potencializou a produção de mercadorias de baixo custo e a criação do paradigma da flexibilidade.

A EaD, a automação e a informação aparecem no campo de possibilidades para atingir os objetivos que servem ao modelo econômico no mundo globalizado. A automação vincula-se





aos procedimentos relativos à substituição do trabalho humano pelo trabalho da máquina. A automação na EaD pode ocorrer, no caso em que o professor seja substituído pelo contato do computador.

A globalização é constituída de um conjunto de projetos, interligados entre si; eles são de caráter econômico, político e cultural. Trata-se de um fenômeno global que exerce pressão sobre os sistemas nacionais de economia, de política e de educação. Não é objetivo aqui encontrar a origem da globalização, mas focalizá-la como fenômeno da contemporaneidade, vinculado ao poderio econômico, político e à mundialização cultural.

Quando se fala em globalização cultural ou mundialização da cultura, faz-se referência ao mesmo contexto histórico do século XX: um momento em que países hegemônicos dão ênfase à sua expansão cultural mundial, principalmente em países do terceiro mundo. Há uma produção de gostos, crenças e hábitos que transcendem as fronteiras nacionais.

Todos os aspectos da contemporaneidade requerem, dos diferentes indivíduos, novas identidades pessoais, identidades mais uniformizadas mundialmente. Em suma, dentro dessa indústria cultural e de publicidade, emergiram, se proliferaram e proliferaram diversificadas inovações, que levaram em seu bojo a música, filmes, publicidades etc.; em língua inglesa, para várias partes do mundo. Em tudo isso, há uma face legitimadora consumista, construindo uma infraestrutura de dependência na venda de seus produtos.

Esses fenômenos da contemporaneidade asseveram que tudo se transforma em mercadoria. O que caracteriza o mundo atual é a velocidade das informações, a transformação do cidadão em consumidor, o esvaziamento de contextos locais de interação. As comu-

nidades passam a receber influências de outras culturas; são reordenadas e, em meio à mundialização cultural, ocorre uma ativação das relações sociais, num circuito mundial, no qual as diferentes localidades começam a ser moldadas por transformações sociais que abalam as essas localidades.

A tecnologia resulta de método de conhecimento e, ao mesmo tempo, ela é um método que produz conhecimento que se transforma em tecnologia, produz dinheiro, riqueza. Encontram-se, no conhecimento, como produtor de tecnologia e riqueza, as principais características centrais da atual mudança estrutural das economias industrializadas: é a aceleração do progresso técnico, isto é, a intensificação do crescimento da taxa de acumulação de conhecimento científico e tecnológico e de sua correspondente participação na geração de crescimento e riqueza.

A informática, sem sombra de dúvida, desde os sinais de fumaça até as informações condensadas em computadores modernos, tem revolucionado os processos de trabalho e a vida das pessoas e da sociedade, desde o seu surgimento. É proeminente o conhecimento da raiz da noção da informação, para que se possa compreender a sua transformação em “fonte de poder”, como é vista na atualidade.

A partir da criação do computador, há um “universo oceânico de informações” (LÉVY, 1994) que alimenta o fluxo incessante de construções possíveis de novos saberes, de reorganização de velhas certezas, que se transformam em novas perguntas, que buscam e estruturam ainda outras informações, que se conectam a ideias semelhantes, em novos campos de conhecimento, reestruturando os paradigmas e impondo uma relação diferente entre os objetos de estudo e aqueles que pretendem apreender sua estrutura e propriedades, um movimento incessante da mídia digital, parabólica, dos sistemas digitais, dos satélites, da te-



lecomunicação, a velocidade com que elas aparecem e, em seguida, tornam-se arcaicas.

Nesse contexto, os sistemas educacionais vêm sofrendo pressão para adequar a formação às necessidades do mercado econômico. A educação pode sofrer o impacto de duas maneiras: a primeira é o apelo aos materiais informativos, que se associam aos materiais pedagógicos, que não abordam a complexidade do fenômeno educativo. A segunda, diz respeito à elaboração de materiais didáticos, por empresas que não fazem parte do ramo da educação, por exemplo, elaboraram livros-texto, dicionários, computador, produtos tecnológicos. Nesses casos, encontra-se a intencionalidade do mercado de estabelecer os valores para a sociedade.

Considerando-se o objeto do trabalho, é conveniente que se forneçam subsídios para que haja uma melhor compreensão da EaD.

As reestruturações tecnológicas, desde a década de 90, no século XX, com o advento da Internet e com a expansão da educação a distância via web 2.0, impulsionam a proposta de formação, na EaD, que aparece no cenário educacional na Lei de Diretrizes de Base, LDB, promulgada em 1996, e o Plano Nacional de Educação, PNE, na formação de professores para a Educação Básica.

Há vários tipos de Cursos a Distância, desde aqueles que se utilizam de material impresso, apostilas, ou mesmo dispõem de uso de satélite, até os que utilizam os recursos da Web 2.0 e os ambientes virtuais de aprendizagem. Assim, EaD tem atuação em vários segmentos, como Graduação *latu sensu* e Mestrado Profissional.

No contexto da cibercultura surge a Educação Online como uma forma de concepção interacionista, caracterizada pelo hibridismo, pela dialogia, pela relação interativa todos-todos e,

finalmente, pela mediação pedagógica. Portanto, o que caracteriza a Educação Online é a utilização de Internet em todas as suas possibilidades, da Web 2.0 à formação de redes, que podem ser: colaborativas, de aprendizagem, sociais.

Destacam-se, entre essas redes, aquelas que atuam em meio virtual, tais como ferramentas de formação de comunidades para relacionamento, inclusive jogos (*Orkut, twitter, facebook, myspace, Buzz*); para armazenar e organizar imagens (*Flickr, Picasa*); para socialização e consumo de vídeo (*Youtube, Vimeo, Dailymotion*) e também de áudio (*Podomatic, Podcast, Website, Blog talk radio*) para comunicação imediata, *Messenger (MSN), ICQ, Skype, Google Talk*), para produção de textos e imagens – *Weblogs (Blogspot, Blogger, Sapo)*; para interação via ambientes de webconferência (*Present, Breeze, Flasmeeting, Adobe, Acrobat Conect Pro Meeting*); para a produção e edição colaborativa de documentos – *Wikis (Wikipedia, Media Wiki)*; para ambientes imersivos (*Second life, Cave, Project Wonderland, OpenSim, Open Croquet, Activeworlds*); para criação de redes sociais/cursos e ambientes de aprendizagem (*moodle, Ning, Teleduc*); dentre outros. (BRUNO *et al.*, 2010), 156)

A EaD pode ou não ser concebida nesse caminho. Este mapeamento oferece a percepção de possibilidades e desafios de inserção virtual, do uso da tecnologia na aprendizagem em sala de aula, tanto na modalidade presencial, semipresencial como na modalidade à distância. Há uma variedade de informações em dicionários, vídeos, computadores, ferramentas da Internet — *Chat, e-mail, fórum, plataformas de aprendizagem, software, recursos on-line, máquinas de tradução, corpora digitais, DVDs, e CD-ROMs*, que são utilizados quer tenham, quer não tenham sentido para a vida dos sujeitos.



No campo educacional, a EaD, por estabelecer a flexibilização e rapidez da formação, suscitou estranhamento e dúvida sobre o uso da tecnologia como fomentador de uma formação tecnicista e de baixa qualidade, tornou-se objeto de pesquisa, entre outros, como em Freitas (2002); no texto das autoras Barreto *et al.* (2006); dos autores Jardimino e Brzezinski (2008). Entretanto, conclui-se que as práticas pedagógicas, tanto na modalidade do ensino presencial como na modalidade à distancia, podem ou não contemplar a instauração de procedimentos de um ensino e de uma aprendizagem mais criativa, colaborativa e interativa, que conduzam professores e alunos à autonomia, à emancipação e à liberdade.

A inserção da modalidade da Educação a Distância, como tudo que é novo, causa estranhamento. Ainda existem muitos professores que, muitas vezes, mantêm-se apreensivos e reticentes. Talvez seja uma reação de resistência ou de comodismo, diante do fato de não saberem usar a tecnologia nas escolas, ou não saberem o significado de novas formas de aprendizagem, provenientes do uso da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC). Tudo o que não é familiar ao ser humano causa medo, receio, temores, desconfianças, repúdios. Tais sentimentos criam dificuldades no que se refere à compreensão do sentido de ser professor e às práticas pedagógicas, que instauram reflexões sobre as formas de ensinar, os espaços de aprendizagem, de educação e de cultura, a construção coletiva de conhecimento, o uso de Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs).

As TIC's atendem de forma abrangente variedades tecnológicas que transitam entre o analógico (rádios, gravadores, televisores, projetores de slides, PowerPoint). A TED – Tecnologia Educacional Digital, compreende o uso de computadores e seus *softwares*, kit's robóticos interfaceados pelo com-

putador, que se alia à complexidade existente no mundo digital: *Hardware, Software, Peopeware*.

Isso traz uma discussão relevante para o processo de ensino e aprendizagem sobre a necessidade de procedimentos no uso das tecnologias analógicas e digitais no ambiente formativo que proporcionem a apropriação dos recursos disponíveis pelos computadores e seus programas, com a finalidade do desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos.

Há a necessidade de refletir sobre o uso de computador levando-se em consideração a tríade que caracteriza a máquina: *hardware, software e peopeware*, e as especificidades da Tecnologia Educacional Digital (TED). Assim, a integração de diferentes áreas do saber junto à tecnologia digital e a posição autônoma perante esses desafios é que podem revelar o círculo vicioso em que se encontra a escola motivada pelas indústrias de hardwares e desenvolvedores de softwares que só fazem reforçar o individualismo, o consumismo e a busca da eterna novidade para alimentar os sujeitos.

Por essa razão, elege-se, neste estudo, o componente estético da educação no desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos, como forma de intervenção, de possibilidade de resistir à estética fomentada pela Indústria Cultural, na perspectiva de Adorno. Nessa perspectiva, a emancipação é possível caso haja um processo pedagógico que crie condições para que os indivíduos, socialmente, sejam donos do próprio discurso.

Nesse sentido, há uma recorrência aos conceitos de autonomia e de emancipação, respectivamente em Freire (1997) e em Adorno (2000). Tais conceitos estão associados à educação libertadora, cujo objetivo é a humanização do indivíduo. Seria uma oposição à Educação Bancária e visaria ao desenvolvimento de uma maior



atenção dos sujeitos, em relação à manipulação estética inerente à indústria cultural. Essa humanização é oriunda de um projeto político pedagógico, que releva o papel da experiência do sujeito-aluno, possibilitando, dessa forma, a compreensão da situação existencial na qual o indivíduo se insere.

### A FORMAÇÃO ESTÉTICA DO PROFESSOR NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Adorno compreende que a sociedade é refém da má formação de professores, considerando que o sujeito não consegue ter consciência de que é dominado pela comercialização e pela banalização dos bens culturais. Este é um fenômeno batizado, posteriormente, por Adorno (1985) de “semiformação”, na sua obra *Dialética do esclarecimento*, publicada em 1947.

A formação técnica, no paradigma da racionalidade instrumental, aponta para a perda dos valores éticos e estéticos, nos procedimentos característicos da educação bancária (FREIRE, 1997). Além disso, Adorno compreende que, através da manipulação da indústria cultural, anula-se o desenvolvimento da autorreflexão e da autonomia humana. Cria-se, então, na sociedade, o fenômeno da semiformação (*Halbbildung*).

Para a superação dessa inadequação, busca-se um caminho que contemple o sentido de humanização. Para Adorno (2000), o primeiro passo, em direção à emancipação do sujeito da indústria cultural é elaborar o passado, para compreender a realidade com um novo olhar. Afirma-nos Adorno (2000) que o indivíduo se emancipa, quando o conhecimento é fruto de uma reflexão, diante de informações recebidas pela indústria cultural, ou seja, há uma interpretação, uma análise do fato, para, assim, o sujeito posicionar-se.

Na perspectiva de Adorno (2000), baseado na teoria marxista do mate-

rialismo histórico-dialético, reelaborar o passado significa estabelecer o paradigma de que o homem é determinado pela sua história (história de seu povo), pelas condições sócio-culturais e econômicas de sua época, elaborando sua identidade, a partir das relações de produção, nas quais está inserido. Nesse sentido, o ser humano é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua própria construção.

Os processos de reflexão na ação e reflexão sobre a ação levam a um ato de autorreflexão sobre as escolhas, os saberes e as experiências. Eles possibilitam o exercício do “autoformar-se” e a revisão das práticas escolares, levando os professores a um questionamento das concepções e práticas, ainda dominantes, na formação inicial e continuada da própria profissão.

Depreende-se o processo de identidade do profissional, por meio do qual o sujeito constrói e reconstrói, devido à condição de inacabamento do ser humano. Nesse processo dinâmico, inacabado, é que os indivíduos vão se construindo e se reconstruindo, ressignificando a sua identidade docente. Nóvoa (1992 p.16) afirma que “[...] a identidade é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão [...]”.

De acordo com Nóvoa (1992):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*. [grifos do autor] (NÓVOA, 1992, p. 25)

Para Larrosa (2004) a formação é uma experiência de um voltar para si mesmo, uma relação do seu interior com a matéria em estudo. O sentido da palavra experiência, em alemão,



é a ideia de viagem. Experiência (*Erfahrung*) é, justamente, o que se passa numa viagem (*Fahren*), o que acontece numa viagem. A formação é compreendida por meio da metáfora de uma viagem que conduz cada um até si mesmo.

A construção do saber depende das experiências. É preciso entendê-las e percebê-las como parte integrante do indivíduo. Há, nesse processo, a recusa ao esvaziamento do humano. Há, ainda, a busca pela compreensão do encadeamento, entre as diferentes dimensões dos percursos.

Constatou-se que essas referências são adotadas para fundamentar a experiência dos autores consultados que refletem e pesquisam sobre a formação online e a distância, como possibilidade de produção de conhecimento em ambientes virtuais.

Kenski (1998, 2002) destaca que o espaço da atuação do professor na sociedade digital oportuniza a aprendizagem. Provoca, ainda, a reflexão sobre possibilidades e compromisso de incluir, tecnologicamente, no universo da construção do conhecimento, por meio de ações existentes do professor: agente de memória, agente de valores e agente de inovações. Nesse sentido, explicita a autora que o professor, agente de memória, deve recuperar a origem e a memória do saber, estabelecendo certa ordem e direcionamento para as práticas, nos mais variados ambientes e por meio de equipamentos diversos. Considerando o professor como agente de memória, supõe-se sua capacidade de realizar interações e intercâmbios entre linguagens, espaços, tempos e conhecimento; e, além disso, capacidade de propiciar intercâmbios de ideias e comportamentos, e a percepção de uma perspectiva histórica. Assim, há o acesso às ferramentas tecnológicas que são utilizadas, com o intuito de promover mudanças e melhorias nas relações dos indivíduos,

consegui mesmos, com o seu próximo e com o universo que os rodeia.

Bernardes (2010, p.91-92) afirma que a mídia é capaz de criar, por meio dos objetos de aprendizagem, compreendidos como quaisquer recursos digitais. São eles animações, simulações, *storyboard*, apresentação *power point*, hipertextos, vídeos, áudios, arquivo portable digital (pdf) como suporte de aprendizagem nas articulações entre Educação a Distância, Educação Online e TICs. São possibilidades de novos modos de pensar, sentir e agir que conduzem a buscar ações, para uma prática criativa no cotidiano do ensino presencial, semipresencial, a distância, *online*. Esse contexto digital chama-nos a atenção para o que ocorre em relação à garantia da criatividade em ambientes de aprendizagem virtual: o pensamento *open-source* tem colocado em xeque as concepções autorais. É possível se apropriar da criação do outro sem referir a fonte original e o recurso *Creative Commons*, como possibilidade de garantia da citação da fonte de criação da concepção.

Percebe-se a ênfase sobre a necessidade de se estabelecerem objetivos para a educação, que se voltem para a emancipação e para a liberdade. Destacam-se os processos interacionais e mediacionais, com a apropriação da crescente inserção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, no campo educacional, complementando as aulas Web

Pesce (2004, 2007, 2009) compartilha com Bernardes (2010) que o uso de tecnologia depende de uma perspectiva pedagógica teórica e prática. A aprendizagem, por meio de tecnologia, conduz tanto à autonomia, como à submissão. A tecnologia é um caminho para a comunicação emancipatória de libertação e para o desenvolvimento do pensamento crítico, quando o professor, como mediador, proporciona condições de estabelecer conexões



entre os alunos, participando e colaborando entre eles, tendo como horizonte a formação de um leitor crítico.

Hessel *et al.* (2009) afirmam, como organizadoras de uma obra sobre saberes construídos com base em diferentes experiências de Formação online de Educadores, que o elemento unificador é a identidade em construção. A utilização das TICs pelos educadores lhes permite repensar sua prática pedagógica, a fim de promover uma mudança subjetiva, de forma que o educador possa se situar como agente cultural, aprimorando sua prática pedagógica e superando os limites do ensino formal. As autoras entendem que há um longo processo, de crescimento pessoal e profissional, que sofre influências advindas das peculiaridades do mundo contemporâneo.

Destaca-se uma lacuna: a ausência da reflexão sobre a Educação Estética, nos processos formativos no Curso de Pedagogia na modalidade de Educação a Distância. É imprescindível saber o componente estético, nos processos formativos, em função da percepção diante da manifestação de encantamento ou desencantamento dos alunos e professores, que estão inseridos no processo de ensino/aprendizagem/formação, no espaço da Educação a Distância.

Freire (2010) diz que a primeira aproximação do indivíduo com o mundo é por via da curiosidade estética, que seria o caminho na busca de tornar-se consciente sobre a relação do indivíduo consigo e com o mundo. Nessa perspectiva, a educação é considerada estética, quando ela se torna um ato criador. Nos domínios da educação estética, os conhecimentos adquiridos se recriam.

A curiosidade estética, como experiência estética, é uma consciência que não se esgota na racionalidade, é contemplativa de algo que arrebatou o

sujeito, comunica um sentido da vida. Abre-se à curiosidade epistemológica, o querer conhecer o arrebatamento, como objeto a ser conhecido, de estabelecer uma relação com o conhecimento produzido, empreende-se uma busca de decodificar as razões de ser. Assim, a construção do conhecimento é um diálogo entre a curiosidade estética e a curiosidade epistemológica, que desafia o processo de desenvolvimento da autonomia.

O conhecimento epistêmico é o recurso com o qual o indivíduo rompe com a alienação, produzida pela indústria cultural. Para que haja o rompimento com a alienação, é necessária uma autorreflexão; assim, as produções de novos conhecimentos poderão sugerir um meio de emancipação do indivíduo, nesta sociedade que se deixa manipular pela indústria cultural.

Freire apregoa o rompimento com a educação bancária. Ele aposta na pedagogia que tenha, como objetivo central, a conscientização. Isso levaria o sujeito-aluno a uma consciência estética e a uma consciência epistemológica.

Assim, a tomada de consciência é um ponto chave para a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. Nessa tomada de consciência, o sujeito não é passivo e sim ativo. Ele busca o rigor do raciocínio e está sempre em diálogo, à procura da compreensão da realidade. O sujeito acolhe o novo, porém sem rejeitar o antigo.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente étici-



cos de nossa existência. É neste sentido que o professor é autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. (FREIRE, 1997, p. 35)

Por esse motivo, o aspecto relevante da pedagogia de Freire é sua perspectiva epistemológica no processo de criar conhecimento; na sua relação com as experiências existenciais e culturais, no processo da construção do conhecimento, tanto professor como alunos podem perceber suas realidades criticamente e criam conhecimento dentro e por intermédio do diálogo (FREIRE, 1997).

De acordo com Freire: “o homem deve estabelecer relações com o mundo e, por um jogo de criação e re-criação a partir do mundo da natureza, chegar e efetuar uma contribuição pessoal, uma obra cultural” (2010, p.108). O autor constata o estabelecimento de relações entre o sujeito com o mundo e com o outro. Sabe-se que o sujeito tem suas limitações e, assim, não consegue perceber com clareza os fenômenos do mundo de forma nítida, objetiva, clara.

O desafio da educação é a ruptura com a semiformação. Existem convergências entre os pensamentos de Freire e de Adorno, sobretudo, levando-se em consideração que ambos percebem o distanciamento entre a educação e seu objetivo central: a promoção do pleno domínio do conhecimento e da capacidade de reflexão.

Há um papel a ser cumprido pela arte, no processo de educação estética: a relevância de resgatar a vivência, na memória, significando

-a pela experiência da Contemporaneidade.

A arte é um elemento que, indiscutivelmente, conduz à emancipação. Ela, por isso, deve estar interligada com a educação, já que conduz à consciência crítica. A experiência formativa está associada à arte. Por intermédio da arte, analisam-se as situações atuais na educação. A partir daí, e por meio da educação, denunciam-se as questões que desumanizam o próprio ser humano.

Segundo López Quintás (2004), os procedimentos de interpretação constituem-se em uma exigente recriação. Pode-se refletir sobre a experiência estética, exercer a curiosidade estética em movimentos diferentes: pela contemplação, pelo prazer ou desprazer e também em busca de descobertas existenciais, de aprendizado. Trata-se de uma educação estética que dialoga com a consciência do indivíduo. Mais do que uma reação à música, à poesia, à composição pictórica, às cenas do filme, à escrita de um texto, à leitura de um texto, há a invenção de um espaço de beleza, no qual somos convidados a agir criativamente.

Nesse sentido, a interpretação carrega em si mesma a criatividade, que não é desenvolvida no processo de transmitir e depositar conhecimento. Interpretar produz visão de mundo, crescimento pessoal, que produz conhecimento da realidade. Ao conhecer, renascemos, desenvolvemos nossas possibilidades, ampliamos nossa percepção da realidade.

A formação estética de professores, por meio de diferentes formas de arte, é contemplada no Projeto Político Pedagógico - UNISA-Digital:

Somados às inovações, analisaram-se outros objetivos que se pretendia atingir e que foram incorporados ao projeto pedagógico, como: a valorização da prática pedagógica, das metodologias, conceito de conteúdos e do quê e como avaliar. Sob o contexto descrito, há o enfoque na ampliação do universo cultural dos alunos, por meio da introdução de metodologias de ensino que possibilitam o uso das formas diversas de expressão, como: cinema, teatro, literatura de ficção, entre outros. (Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia - UNISA, 2010, p. 28)

As experiências estéticas que emergem de uma epifania de uma obra literária, de uma imagem, de um desenho, de uma música, dos diálogos de uma peça de teatro, de uma pintura, de um filme, oferecem oportunidades de aprendizagem e de formação, evocam lembranças que, ao serem narradas, por meio de textos ou oralmente, significados são acrescentados, podem levar a uma nova compreensão da realidade e de mim mesmo, a uma compreensão lúdica, isto é, a uma interpretação que supera reducionismos e calculismos.

Compreende-se que, pelo cinema, pela música, pelo teatro, haja a vivência de uma experiência. No processo de aprendizagem estética surge, concomitantemente, um relacionamento próximo e distante da realidade. Há, ainda, a experiência real, que se aproxima da experiência histórica. Em Schiller (2002), a experiência do sensível concreto conscientiza o sujeito da sua percepção da realidade, conduzindo-o à negação da semiformação. Ele se torna um sujeito reflexivo.

A arte é relacional e é dialógica. Nela, não existem influências de mecanismos que possam impedir os sujeitos de focar a sua realidade existencial como uma arte. Vares (2008) afirma que o discurso pedagógico pode ser encontrado nas mais variadas linguagens, inclusive, naquelas que com-

põem o campo da arte. Portanto, existe a presença do discurso pedagógico na literatura, na poesia, no cinema, no teatro.

Boal afirma: “Somos todos artistas: fazendo teatro, aprendemos a ver aquilo que nos salta aos olhos, mas que somos incapazes de ver tão habituais estamos apenas a olhar”. (BOAL, 2010), p. 33)..

Para Costa, “Arte está relacionada à história e as suas conquistas, à natureza humana e seu símbolo, à herança cultural dos grupos e ao desenvolvimento individual das pessoas [...] relacionado intimamente com o nosso despertar de nossa humanidade”. (COSTA, 2005), p.11).

Adorno (2000) alega que a Arte é o principal meio de criar sujeitos emancipados. A arte tem uma função: a apreensão do conceito de verdade. Ela assume uma postura crítica, no que se refere à indústria cultural. Por isso é possível que se afirme que a arte também assume uma função social. Por intermédio dela, denuncia-se a barbárie da sociedade administrativa, ou seja, a indústria cultural. Adorno afirma que “o aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já prevê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre os comportamentos dos homens” (ADORNO, 2000, p. 40)

Kramer (1998) defende uma educação estética na formação de professores – as educadoras e os educadores - por meio das diferentes formas de arte. Trata-se não só de apreciar, mas também interpretar o efeito das experiências do indivíduo com a literatura, o teatro, a música, a pintura etc. Essa formação parte do processo de tomada de consciência de sua prática educativa. Para a autora, tal formação permite a produção do conhecimento, no resgate de “trajetórias e relatos, provoca a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos





e que nos produz, suscita o repensar o sentido da vida, da sociedade contemporânea e, nela, o papel de cada um de nós” (KRAMER, 1998, p.44).

A produção de conhecimento, em ambientes virtuais, nas palavras de Morin (1997, p.44), são espaços de “trocas entre o real e o imaginário, nas sociedades modernas, se efetuam no modo estético, através das artes, dos espetáculos, dos romances, das obras ditas de imaginação”.

Durante o processo de formação, no espaço de Educação a Distância, os alunos têm oportunidades de realizar a narrativa e a relação de narrar como arte e o encontro com obras de arte. Esse contato com a arte desenvolve a habilidade da educação da sensibilidade. É uma estratégia o estabelecimento da possibilidade da discussão sobre as potencialidades das sensações provocadas pelas imagens. Trata-se do recurso de abertura para si e para o outro, para o melhor desenvolvimento da criatividade.

Existe uma base na reflexão sobre a educação estética. Trata-se de incentivar o sujeito a tomar consciência da realidade em que vive, conduzindo-o a vencer as banalizações, a semiformação, a educação bancária e as limitações que são estabelecidas pela indústria cultural.

O importante não é só aprender o que está nos livros, nos filmes, na poesia, na música. Por meio do contato com a arte, ocorre o ato da compreensão filosófica, que tem como sentido perceber o que está no mundo. Trata-se do sentido da experiência e da vivência formativa, isto é, de uma dimensão estética e dinâmica. Assim, há uma esperança de mudança, diante do estrago que Adorno (2000) afirma ter sido realizado pela indústria cultural, especialmente, no que se refere à manipulação da arte.

Ao produzir reflexões acerca dos conteúdos da disciplina/curso, oferecem-se condições a alunos e professores de se assumirem como autores do próprio discurso. Isso pode despertar, no indivíduo, não só um leitor crítico, mas um escritor crítico, proporcionando a ele a possibilidade de tomar em suas mãos a sua palavra e o seu discurso. Isso significa ser capaz de produzir arte e estética, na interpretação do sentido da experiência estética e da experiência epistemológica.

Um crescimento humano ocorre a partir das experiências. Tal crescimento propicia a possibilidade de olhar e de analisar de forma mais aberta, sem resistência à formação. De acordo com Adorno (2000), a experiência formativa deve levar à compreensão da realidade real como um processo histórico e dialético. Essencialmente, a indústria cultural e a resistência à estética buscam a ruptura com o mecanismo da técnica instrumental. Isso ocorre devido ao fato de que a indústria cultural, em seu núcleo, impõe o seu interesse manipulativo da realidade. Trata-se de algo manipulável. Há a necessidade de tornar a realidade aberta a um olhar reflexivo, que abra as possibilidades para um combate à massificação da cultura.

A experiência seria algo do indizível que, por definição, delimita um modo próprio e singular do sujeito. Por princípio, não poderíamos comunicar uma experiência, entretanto, é possível interpretá-la. A compreensão da experiência não é linear, é uma complexa trama no campo relacional. Interpretar uma experiência passa pelo confronto com as próprias ideias, opiniões, conceitos, preconceitos até chegar ao conceito; a experiência seria o resultado da elaboração criativa do sentido do dizer a própria palavra.

Dizer a própria palavra Bakhtin, (1992) remete à constatação de que a palavra carrega um conteúdo ideoló-



gico, vivencial, e o sentido assim compreendido não é tranquilo, nem confortável. As palavras são fios ideológicos que tecem a polifonia das vozes sociais e tramam relações sociais. Cada palavra transforma-se em escudo na arena, uma mesma palavra, sendo pronunciada por um camponês, um operário, um intelectual ou um empresário, manifesta diferentes significados no processo único das relações e representações sociais.

Dizer a própria palavra, em Freire (1997), refere-se ao fato de que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. Há a movimentação da leitura do mundo à palavra e da palavra ao mundo. Nos atos de ler, escrever, reescrever relações com palavras tiradas do silêncio, há a detenção do tempo crônico e veloz, o homem comunica a palavra como leitura de mundo.

É esse retorno da leitura do mundo à leitura da palavra e da leitura da palavra à leitura do mundo, que funda a experiência e lhe confere um valor estético de textualidade. É do estudo desse texto que se alimenta o discurso.

De acordo com Freire (1997, p.10), estudar um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É buscar as relações entre o conteúdo, em estudo, e outras dimensões afins do conhecimento, sobretudo, estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever — tarefa de sujeito e não de objeto. Dessa maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se do texto, renunciando, assim, à sua atitude crítica em face dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção da pertinência da formação, por via da humanização que a estética proporciona, é inegável. Viabiliza-se, por meio da humanização adquirida através da estética, um crescimento humano que contribui para que se rompa o mecanismo da semiforma-

ção, imposta pela indústria cultural. Nesse caminhar, o sentido valorativo representa algo que vai além de uma mera reprodução, mas passa pelo caminho da constatação de uma construção de saberes.

Há um desafio a cumprir, para impedir o esvaziamento humano. É preciso lidar com a aversão à reflexão filosófica. Há a necessidade de que se faça uma leitura crítica de imagens e da arte que penetram, por meio dos computadores, na escola. Há que se enfatizar o desejo do conhecimento científico, como dispositivo de (trans) formação do mundo. Essa necessidade de transformação apoia-se na constatação de que há um mal-estar e um desassossego contemporâneos oriundos da insurgência de um tempo frenético, cujas relações sociais e intersubjetivas são projetadas em discursos de poder no cotidiano multifacetado.

Possenti (1999) afirma que as conversações, no chamado “tempo real”, no entanto, são mais interessantes, pelo fato de os interlocutores não disporem de tempo para fazer um planejamento prévio de seu discurso. Nesse caso, a troca de mensagens tem de ser rápida, sem perda de tempo. Isso faz com que os internautas tenham que criar abreviações, símbolos e sinais que tornem mais rápida a comunicação como informação, não se pensa sobre o sentido dessa pressa, o sentido concentra-se em adquirir a habilidade da rapidez.

A indústria cultural constitui-se em uma força dominante. Ela nega a possibilidade de que se olhe a realidade e de que se retire dessa realidade os elementos considerados importantes para a transformação social, cultural e política. Ocorre, portanto, a impossibilidade de percepção do sentido concreto da experiência formativa. “A Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir cons-



cientemente” (ADORNO, 2000, p. 36)

Há a percepção de que é necessário que se rompa com uma estética fabricada pela indústria cultural. Isso requer uma prática educativa que esteja fundamentada no processo de conscientização, como forma de se apropriar do conhecimento. Assim, é possível que ocorra uma leitura crítica diante dos valores transmitidos em vários espaços de comunicação.

Ao denunciar a educação bancária, Freire está em consonância com o modelo de educação apresentada por Adorno (2000). Por isso, ele critica o professor que deposita o conteúdo, sem considerar a identidade do aluno, um sujeito que se relaciona com o mundo. A adesão à educação bancária abrange também a escola como um todo: o gestor, os coordenadores, o poder público, pois se trata de uma rede interligada que atua e acredita no processo.

Há um caminho para a autonomia: por via da experiência estética, depara-se com os exacerbamentos das aporias inerentes à ambivalência original da relação homem e mundo, com o retorno às mais arcaicas manifestações simbólicas, que é a linguagem .

As desigualdades, no Brasil, são grandes. Existe uma óbvia relação entre a linguagem e as experiências de inclusão e exclusão. Há a exploração de quem domina a linguagem empírica, científica e artística sobre aqueles que não ostentam o domínio dessas linguagens.

Portanto, diferentes mídias podem proporcionar a comunicação e a informação. A comunicação pode promover a interatividade e a intersubjetividade. A informação pode provocar

uma consciência, uma reflexão, mas não é comunicação. O diálogo pode potencializar o sentido do processo educativo e de acesso às ferramentas tecnológicas. Estas devem ser utilizadas com o intuito de promover mudanças significativas e melhorias, no contexto social, nas desigualdades entre as relações dos indivíduos e com as coisas do mundo que os rodeia.

Isso não significa romper com a linguagem da empiria, mas superá-la na apropriação da linguagem científica e artística. A linguagem é a forma pela qual o sujeito expressa suas experiências a outras pessoas, fornecendo significados, transmitindo suas emoções, portanto ela é um fenômeno da consciência humana.

A estética, como arte da comunicação, transita pela necessária aprendizagem, por parte dos sujeitos, da linguagem científica, para que haja a compreensão do sentido de ser e de estar no mundo. A estética viabiliza a comunicação de uma educação que se proponha à formação do homem, por meio da arte, como um fato de ser uma interação entre a experiência estética e educação estética, uma experiência artística, porque educar é uma experiência da vida.

A experiência, no Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia, na modalidade EaD, demonstra que a formação estética do professor é uma decorrência da reflexão, da interpretação, da construção do próprio discurso. Na trajetória formativa, recorre-se a um elemento transformador do olhar do professor como: reconhecimento da própria identidade, valorização das próprias escolhas, a resistência à estética da indústria cultural e a recriação da autonomia e da emancipação.



ADORNO, T. W. *Dialética do conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARRETO, R., GUIMARÃES, G., LEHER, E., MAGALHÃES, L. As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, jan.-abr. 2006.

BERNARDES, C. C. S. Perspectivas de usos dos objetos de aprendizagem na educação on-line e na formação de professores. In:\_\_\_ BRUNO, A. R., et al. *Linhas cruzadas: políticas educacionais, formação de professores e educação online*. Juiz de Fora/MG: UFJF, 2010. p.189-204.

BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*.10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BRUNO, A. R., TEIXEIRA, B. D. B., CALDERANO, M. D. A. *Linhas cruzadas: políticas educacionais, formação de professores e educação online*. Juiz de Fora/MG: UFJF, 2010.

COSTA, C. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*.9.ed. São Paulo: Olho D'Água, 2010.

FREITAS, M. T. D. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 21-39, jul. 2002. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200002&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&nrm=iso) >.

GADAMER, H.-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HESSEL, A., PESCE, L., ALLEGRETTI, S. Formação online: sujeitos, processos e interação. In:\_\_\_ HESSEL, A., et al. *Formação online de educadores: identidade em construção*. São Paulo: RG, 2009. p.31-62.

JARDILINO, J., BRZEZINSKI, I. Educação a distância: abordagens críticas. *EccoS Revista científica*, v. 10, n. 1, p. 11-19, jan.-jun. 2008.

KENSKI, V. M. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação*, n. 8, p. 58-71, ago. 1998. Disponível em: < [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24781998000200006&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781998000200006&nrm=iso) >.

KENSKI, V. M. Memória e formação de professores: interfaces com as novas tecnologias de comunicação. In:\_\_\_ CATANI, D. *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

KRAMER, S. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museus. In:\_\_\_ KRAMER, S. and LEITE, M. I. *Infância e produção cultural*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



LÉVY, P. A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1994.

LÓPEZ QUINTÁS, A. A inteligência criativa: descoberta pessoal de valores. São Paulo: Paulinas, 2004.

MORIN, E. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In:\_\_\_ NÓVOA, A. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PESCE, L. Dialogia digital: em busca de novos caminhos à formação de educadores, em ambientes telemáticos. GT 08: Formação de Professores. 27<sup>a</sup> Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu: ANPED, 2004. p.

PESCE, L. As contradições da institucionalização da educação a distância, pelo Estado, nas políticas de formação de educadores: resistência e superação. 2007. (Tese). Filosofia e História da Educação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PESCE, L. O educador em foco: um olhar sobre as possibilidades de formação docente na modalidade de educação a distância. In:\_\_\_ FELDMANN, M. G. Formação de Professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 2009. p.133-154.

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

SCHILLER, F. A educação estética do homem: São Paulo. Iluminuras, 2002.

VARES, S. F. Análise do discurso pedagógico no “conto de escola” de Machado de Assis: encontro entre literatura, estética e educação. Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFE, v. 10, mai.-out. 2008.